

Elaboração onírica e representação na literatura de testemunho pós-ditadura no Brasil¹

Precisarei começar retomando uma evolução paradoxal, e esse paradoxo logo se revelará fundamental para compreendermos o aparecimento e desaparecimento do trauma na obra freudiana e sua retomada, poderíamos dizer, fundante, por Sandor Ferenczi que reinscreve os estudos sobre o trauma na Psicanálise determinando uma verdadeira tradição de estudos psicanalíticos que nele se apóiam.

Sabemos que a Psicanálise, sem dúvida, desde Freud, reconheceu o trauma como fonte de sofrimento psíquicos, até então, incontornáveis. As primeiras elaborações pré-psicanalíticas freudianas, momentos anteriores ao surgimento da Psicanálise, revelavam, a partir do sofrimento e do relato das pacientes

1 Este trabalho foi originalmente apresentado como resultado parcial de pesquisa no em evento promovido pelo Departamento de Formação em Psicanálise do Sedes Sapientiae sobre Clínica e Política em outubro de 2009 e publicado como capítulo de livro na obra *Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica* organizada por Maria Cristina Perdomo e Marta Cerruti. Posteriormente uma versão, ligeiramente modificada foi publicado, em 2010, no livro *Tortura* organizado pela Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República (Coordenação de combate à Tortura). A presente versão sofreu acréscimos e alterações. Agradeço ao CNPq e à Fapesp o apoio na realização da pesquisa na qual o presente texto se insere.

históricas, um elemento exógeno na gênese do sofrimento e da sintomatologia históricas. Ou seja, a partir dos relatos de suas pacientes Freud consolidava a certeza de que um adulto perverso se impunha sexualmente sobre aquelas crianças que, mais tarde, desenvolveriam um quadro histórico.

A violência sexual e traumática aparece desde o princípio, portanto, na obra freudiana. Tratava-se da violência de um corpo adulto que se impunha sobre o corpo de uma criança, nesse momento imobilizado em sua capacidade erógena, coagido dentro de sua própria casa. A sexualidade da criança condenada então, a partir daí, ao silêncio e à dor.

Isso porque um outro corpo violento e autoritário (pai perverso), teria obrigado à força a situação sexual que, por seu caráter unilateral e objetificante, torna-se para um de sujeitos do par (a criança), uma experiência de alheamento e excesso.

Essa experiência, hoje bastante pensada e refletida por psicanalistas e desde sempre conhecida e de graves consequências psíquicas, não servia, entretanto, para explicar a sintomatologia histórica e Freud foi o primeiro a perceber isso. A histeria era a expressão de um traumatismo interno, e não de um traumatismo exógeno, que se expressava, na paciente, através da fantasia sexual com um adulto. A paciente histórica não havia sido seviciada por um adulto abusador, mas teria desejado a aproximação sexual com o adulto e se castigado por isso. Por isso o corpo sexualmente aprisionado da histórica revelava o desejo e a proibição sexual com uma cena incestuosa e violenta que, na verdade, nunca acontecera. Nasce o conceito de fantasia e a própria Psicanálise que se ocupará, doravante, daqueles sofrimentos que o sujeito é capaz de se impor e cujo esclarecimento dos processos psíquicos inconscientes aí envolvidos passa a ser tarefa da Psicanálise e de sua clínica.

No período, que se estende até 1913, com a publicação de *Totem e tabu* e, especialmente em 1915 em *Pulsões e destinos das pulsões*, quando o sadomasoquismo reencontra o lugar antevisto em 1905 nos *Três ensaios para uma teoria sexual*, para logo depois ser deixado de lado até 1920, Freud praticamente abandona qualquer preocupação com o papel da realidade material no engendramento das perturbações psíquicas que, para o trabalho e a reflexão psicanalítica, passam a ocupar a posição de epifenômeno.

Não importa mais o que atingiu e sujeite, mas, como. Sobressaem-se as dinâmicas que impossibilitam ao psiquismo assimilar os acontecimentos e experiências a ponto de torná-los perturbadores. Interessa à psicanálise o formato neurótico, intrapsíquico, dessas experiências que impuseram perturbação e gravidade ao psiquismo.

Após 1920 com o final da primeira guerra, o desenvolvimento de uma clínica para o tratamento de neuróticos de guerra e o retorno de alguns discípulos de Freud que foram convocados como médicos de guerra e lá atenderam psicanaliticamente diversos pacientes, Freud retorna ao trauma.

O sintoma que o confunde: os sonhos traumáticos. Expressões dramáticas que reproduzem a experiência catastrófica, lá onde o sujeito deveria encontrar guarida e apaziguamento: em seu sono. Os sonhos traumáticos agitam o psiquismo a ponto de exigir uma resposta somática que culmina com o despertar. O sujeito é lançado para fora do seu sono, atormentado pelo sonho que o impediu de dormir.

A função mister do sonho – a de preservar o sono – entrara em colapso e em seu lugar a exigência da experiência vigil indicando que, para aquele que corre perigo, o sono tranquilo é proibido. A natureza desse perigo, entretanto, revelara seu inequívoco caráter somático, e não apenas psíquico, exigindo uma resposta igualmente física e motora – o despertar, a sudorese, a taquicardia – evidenciando que tal experiência não pode mais ser contida no âmbito da experiência psíquica por excelência: o sonho.

Freud se volta então, em 1920 em mais além do princípio do prazer, para os sonhos novamente, mas dessa vez para atestar o fracasso da elaboração onírica. Nos sonhos traumáticos ao que parece é a literalização da experiência vivida e traumática que se compacta entre um corpo em dor e um psiquismo que, de certo modo, ignora esse sofrimento. Se não fosse assim porque então o sonho, puro produto psíquico, reproduziria, literalmente, o sofrimento insuportável? Porque a ressurgência retraumatizante, pós-traumatizante da experiência vivida, ela mesma reconstituiria o traumático e o repetiria infinitamente, como um claustro psíquico sem fendas?

A experiência catastrófica reencontraria então um acesso privilegiado à experiência psíquica, revelando a mesma força e impacto presentes no instante de gênese do traumático, na ocasião do trauma.

Assim um elemento novo tornava-se visível para Freud: a sobrevivência no psiquismo de um sofrimento psiquicamente insuportável, fisicamente insistente, mas que encontrava um índice de permanência na experiência produzindo, a posteriori, o instante sempiterno, infinitamente revisitado pelos soldados que estiveram na guerra e ali viveram o horror, para depois voltar a vivê-lo em seus sonhos.

A importância dessa inflexão recoloca a neurose traumática na obra freudiana, mas insiste em deixar lacunas, entre elas o trauma sexual como corolário de uma violência sexual realmente vivida. As situações de intensa gravidade em que o adulto agride e molesta a criança sobre sua guarda e sob o seu poder. Após 1897, Freud não voltará mais a esse assunto.

Será então apenas com Sandor Ferenczi que um segundo retorno do recalcado se apresentará aos psicanalistas e à teoria e à clínica psicanalítica.

Fiz esse rápido aparte para demonstrar como a presença do traumático revela sua insistência e resistência entre os próprios psicanalistas e dentro da própria teoria psicanalítica. A propósito do fundamental trabalho de Ferenczi na interpretação desse recalque, exemplifico com um fato que evidencia isso:

Em 1932, no congresso de Wiesbaden, Sandor Ferenczi prepara sua apresentação intitulada Confusão de línguas entre o adulto e a criança que é, até hoje, um dos mais importantes textos psicanalíticos sobre o traumático. Na ocasião Max Ettington e Abraham Arden Brill, discípulos de Freud, tentaram impedir a comunicação de Ferenczi no congresso, enquanto o próprio Freud tentou dissuadir Ferenczi de publicar o artigo e Ernest Jones, conhecido discípulo e biógrafo oficial de Freud, recusou-se a publicar o texto no *International Journal of Psychoanalysis*. Mas do que tratava o artigo?

O artigo retomava o papel do agente sexualmente violento na gênese do trauma, insistindo em que o traumático se fundava nos componentes psíquicos em jogo, tanto da parte do agente agressor quanto do agredido. Que as possibilidades das experiências erótico-sexuais da criança eram delimitadas pelas

relações físicas e psíquicas de ternura vividas junto ao adulto, e que o ultrapassamento dessa fronteira terna em direção à paixão e ao ato sexual genital, por parte do adulto, fundava o traumático. Descrevia então brilhantemente a gênese do traumático reabilitando metapsicologicamente aquilo que Freud teve tanta dificuldade em fazê-lo após 1897: o papel do agente agressor na gênese do trauma sexual e o caráter simultaneamente extra e intrapsíquico do traumatismo.

Não é nosso objetivo examinar em detalhe a obra de Ferenczi hoje e seu papel fundamental na retomada da teoria do trauma na psicanálise, porém é necessário destacar que a retomada da teoria do trauma por Freud em 1920 é responsável por uma das maiores e mais importantes inflexões da teoria e da clínica psicanalítica que inclui a proposição da segunda teoria pulsional (pulsões de vida e pulsão de morte), a segunda tópica (eu, isso e supereu) e a segunda teoria da angústia, e Ferenczi é, sem dúvida o legítimo herdeiro dessa tradição e desse desrecalcamento do trauma na Psicanálise.

A tradição do pensamento de Sandor Ferenczi nos legou a compreensão do traumático num sentido até então inédito na Psicanálise. A força do traumático se constitui pela intensidade exógena que o psiquismo tem de assimilar. Para o psiquismo não há escolhas diante do traumático que se impõe, e essa imposição determina sua força e virulência.

A intenção, a constância e a presença maciça do agente agressor contam justamente porque aparecem como intensidades e como tais conduzem a atividade psíquica ao paroxismo. Tal paroxismo não se evidencia como um colapso, uma paralisia ou uma fadiga, mas em formações psíquicas deformadas, irreconhecíveis e paradoxais.

É isso que preocupou Ferenczi, mesmo em relação à situação psicanalítica e à possível hipocrisia do analista, a sua falta de tato no reconhecimento da posição assimétrica que ocupa no par analista e analisando e para a qual todo analista deve estar atento. Sem o que um novo traumatismo pode ser reproduzido na própria análise. O *sentir com* proposto por Ferenczi, o tato, sugere que é nas informações sensoriais que deve ser buscado aquilo que o analisando também introjetou como informação física e para a qual ainda não há nome,

nem significação – a pulsão isolada no corpo de onde se ausentaram seus representantes representativos.

Interessa-nos agora, numa articulação Freud-Ferencziana e o auxílio do testemunho de alguns sonhos do período pós-ditadura, refletir sobre os sonhos traumáticos. Essa formação psíquica complexa é que revela o trabalho incessante do psiquismo na elaboração de suas próprias experiências, mesmo daquelas marcadas pelo alheamento extremo e a radical impropriedade. Faremos isso com a intenção de darmos um passo a mais na compreensão do traumatismo, do trauma e do embate profundo e solitário ao qual e sujeito está destinado a partir da contraexperiência proposta pelas catástrofes. Luta tortuosa que a descrição dos sonhos nos dá a ver de forma singular e privilegiada.

Não intentaremos uma interpretação psicanalítica *stricto sensu*, o que só poderia ser levada adiante com as associações do sonhador, como tantas vezes alertou Freud, a fim de evidenciar o charlatanismo e a inconsistência das interpretações veiculadas em manuais de interpretação de sonhos de sua época.

Nossa intenção é estabelecer um diálogo entre o relato dos sonhos enquanto testemunhos, narrativa e escrita das violências e a teoria psicanalítica sobre a elaboração onírica, particularmente a partir de 1920, data da publicação de mais além do princípio do prazer.

Cito então Flávio Tavares em seu livro *Memórias do Esquecimento* no capítulo intitulado “O Exílio no sonho.”² Um sonho exilado da vigília, um sonho traumático, em cujo interior a experiência do traumático se exila e se protege:

Ao longo dos meus dez anos de exílio, um sonho acompanhou-me de tempos em tempos, intermitentemente. Repetia-se sempre igual

2 Primo Levi sugeriu na descrição de seu sonho no final do livro *A Trégua* (1997, p.359) uma imagem imponderável compatível com o que sugere Flávio Tavares. O exílio no sonho, uma espécie de relação especial no sonho que produz uma certa ordem onírica, como se fosse um sonho rebatendo sobre o outro, criando uma certa alteridade do próprio sonhar. Primo Levi falará de um sonho dentro de um sonho, uma outra camada que compete e opõe força, como se houvesse uma luta contra a compactação do sonho (pesadelo?) no próprio sonhar. Retomaremos esse sonho de Primo Levi mais adiante.

com pequenas variantes. Meu sexo me saía do corpo, caía-me nas mãos como um parafuso solto. E, como um parafuso de carne vermelha, eu voltava a parafusá-lo encaixando-o ente minhas pernas, um palmo abaixo do umbigo, no seu lugar de sempre. Sonhei no México em 1969, com meu pênis saindo-me pelas mãos, seguro na palma esquerda, com os dedos da mão direita buscando sentir, aflitos, se ele ainda pulsava, se o sangue nele corria, se meu sexo ainda vivia” (p. 20).

E mais adiante:

“...a angústia disso foi uma dor que me perseguiu quase constantemente pouco depois que, no México—ao final de meus 45 dias de liberdade—começaram a desaparecer os anéis escuros, de um tênue marrom filigranado, com que meu pênis tinha sido marcado pelos choques elétricos no quartel-prisão do Rio de Janeiro, em agosto de 1969. Pouco a pouco, o sonho repetido fez com que eu sonhasse também que já havia me habituado com o pesadelo e até confiava nele. Sonhava, então, com a solução do sonho da noite anterior, com minha capacidade de novamente parafusar e encaixar meu sexo, e me esvaía em ansiedade.

Algumas vezes eu o ajustava apertando a carne nos lados como terra fofa ao redor de uma planta num vaso úmido. Sentia o peito oprimido e paralisado. A respiração subia ou descia à medida que meus olhos, fechados no sono do sonho, nele identificavam uma cor vermelho-encarnada, significando que meu sexo vivia e podia voltar ao seu lugar” (p. 20).

Em seguida Flávio Tavares descrevendo a sensação após uma sessão de tortura:

Eu uivei e caí no chão. Não tive a sensação de que meu sexo se queimava e se despedaçava. Era como se amputasse sem bisturi

e sem anestesia. Talvez num puxão. Horas depois, numa pausa do choque elétrico, toquei-me as cuecas para ter certeza de que tudo em mim continuava intacto e no lugar de sempre” (p. 21).

O exílio do sonho interpõe um impasse em que o próprio relato – expressão secundária do sonho – está em cheque. Dizer o sonho traumático não gera a experiência mais ou menos enigmática do relato de um sonho qualquer, repleto de cenas, personagens e situações ininteligíveis que narramos sem qualquer pudor ao primeiro interlocutor que encontramos, após despertos.

O sonho traumático, não raro, carrega a aspiração pela recomposição de uma fratura, de uma cisão e inimizade entre o corpo e o espírito que ocorre na situação de tortura – tal como já refletira Elaine Scarry (1985), Viñar (1993) e Pellegrino (1988) – e exige o reconhecimento do sofrimento físico, do terror da eliminação física e da própria sobrevivência. O corpo então é convocado na própria composição da experiência traumática no sonho. A angústia, a taquicardia, a sudorese e a ação física de despertar revelam esse apelo do psiquismo o corpo, ao reconhecimento urgente do que se passara com o corpo físico, como condição para algum reestabelecimento psíquico.

A experiência literal da castração a que Flávio Tavares se refere. O pênis sendo arrancado num puxão, e com ele se esvaindo toda a integridade do corpo e da alma. O choque e a humilhação repetidos à eternidade – “o major F. dizia que eu não me salvaria, como das outras vezes e ficaria, agora, 30 anos no cárcere e nele apodreceria” (2007, p. 37) – indicam, de antemão, o fracasso da ação psíquica que encontra sua eficiência na organização temporal em que dispõe as necessidades físicas, para não permanecer à mercê delas.

O tempo para comer, dormir, descansar, relaxar, que nos exime dos imperativos da necessidade, libertando o psiquismo para atividades sublimatórias e secundárias é dilacerado nas situações de violação de qualquer espécie. É a eternidade da fome, da dor e da morte que se impõe e o psiquismo não pode ter outra ocupação senão a própria sobrevivência. A pulsão de sobrevivência ordena as atividades psíquicas e as subalterniza, muitas vezes, décadas após a experiência extrema. É o que fazem Ottoni Fernandes Júnior e Flávio Tavares a indicar no lapso de 30 anos após a experiência de resistência e tortura, a

instauração da possibilidade de escrever sobre ela, atividade secundária imobilizada em nome da sobrevivência.

Diz Ottoni Fernandes: “Acabei concluindo o livro 27 anos depois de ter sido libertado do cárcere da ditadura militar. Foi bom ter aguardado tanto tempo, deixando as emoções mais angustiantes bem longe” (2004, p. 11).

A angústia bem longe... O que é a espaço para a experiência psíquica do trauma senão um lugar inalcançável pelo tempo; lugar coagido – e exilado – pela atemporalidade da repetição. Haviam então passados 27 anos.

Sandor Ferenczi ao se referir ao tratamento com pacientes traumatizados pelas situações de guerra observa:

“Durante essas análises, os pacientes são arrebatados, às vezes, pela emoção; estados de dores violentas, de natureza psíquica ou corporal, até mesmo delírios e perdas de consciência mais ou menos profundas com coma, misturam-se ao trabalho de associação e de construção puramente intelectual. [...] A compreensão assim adquirida proporciona uma espécie de satisfação que é, ao mesmo tempo afetiva e intelectual, e merece ser chamada de convicção. Mas essa satisfação não dura muito, por vezes algumas horas apenas; a noite seguinte fornece de novo, sob a forma de pesadelo, uma espécie de repetição deformada do trauma, sem o menor sentimento de compreensão, e, uma vez mais, toda a convicção se deformou, desfaz-se continuamente e o paciente oscila como antes, entre o sintoma em que sente todo o desprazer sem compreender nada- a angústia-, e a reconstrução em estado vigil, durante a qual compreende tudo mas nada sente, ou apenas muito poucas coisas” (1992a, p. 116).

Aquilo que Ottoni indica como longe, por vezes não está senão ao lado, inexoravelmente presente, como observa Ferenczi. A repetição deformada do trauma destrói as frágeis construções psíquicas para enfrentar o traumático. O retorno do traumático, sua proximidade invencível e a maneira como zomba

das atividades secundárias, impondo sucessivamente a angústia, ao invés do pensamento e da compreensão, revelam aquilo que na experiência do traumático se pode chamar de um excesso de corpo. Um corpo que se revela impróprio – como Ferenczi observava a propósito de uma espécie de desaprendizagem das funções mais elementares, como o caminhar, nos soldados aturdidos pelos traumas nas experiências de guerra. E que pede, em seu auxílio, um outro corpo capaz de auxiliá-lo na reaprendizagem de seu próprio esquema corporal, dilacerado na guerra ou no cárcere.

Freud, provavelmente estava certo em relação ao caráter insistente e compulsivo do sonho traumático e mesmo em relação à tendência dessa formação onírica à literalização. Não raro então o relato do sonho traumático não é mais do que uma descrição sem nenhum pensamento e repleta das imagens restauradas e revividas da experiência traumática no sonho.

Porém o sonho de Flávio Tavares indica que a repetição do traumático foi atravessada pelas pulsões de vida, introduzindo no jogo do aparecimento/desaparecimento do pênis, no por e tirar do seu próprio órgão, um princípio de ordem diferente da experiência do arrancamento do pênis com um puxão.

O sonho restaurava a potência do sonhador ao colocar em suas mãos o poder de recolocar o pênis cada vez que ele se desenroscava. Uma ordem é buscada diante da fragmentação. Ela não restaura e nem repara, mas torna suportável a repetição do traumático que não cede.

O que se esclarece quando Tavares relata um ponto de equilíbrio em que no sonho era dele a possibilidade de reencaixar, *rosquear* seu sexo, sendo a rosca precisamente o lugar em que as marcas amarronzadas dos fios de cobre haviam marcado seu pênis. Rosquear reaparece no sonho então como devolver à vida ao que poderia estar morto. O sonho lutando contra a experiência de arrancamento, fragmentação e implosão imposta no choque elétrico.

Diferentemente de Freud, Ferenczi observa sob o sonho e o trauma:

...todo e qualquer sonho, mesmo o mais desagradável, é uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio psíquico melhores [...] (1992a, p. 112).

e mais adiante no mesmo texto, divergindo de Freud:

Não desejaria, portanto que o retorno dos restos do dia e da e da vida no sonho fosse considerado o produto mecânico da pulsão de repetição (1992a, p. 112).

Nas divergências não resolvidas sobre a teoria do trauma, entre Freud e Ferenczi, no interior do movimento psicanalítico, se trava luta semelhante àquela que se realiza na elaboração onírica dos sonhos traumáticos. Aqui, a partir do relato dos sonhos, se pode testemunhar o embate dramático entre as pulsões de vida e morte, como se coubesse ao sonho a decisão entre viver e morrer.

Dois sonhos

Por fim, gostaria de trazer lado a lado dois sonhos, a fim de evidenciar um aspecto comum a ambos. Eles revelam uma luta que se trava entre as pulsões no trabalho do sonho traumático e da elaboração onírica, uma formação e deformação do sonho que termina por se aproximar da experiência concreta do trauma. Como se os mecanismos do sonho, protetores do sono e ocupados com a satisfação do desejo, conforme insistiu Freud até 1920, fossem sendo, um a um, colocados fora de combate.

O primeiro é um sonho emblemático e bastante conhecido de Primo Levi, descrito no livro *A trégua*. O segundo é um sonho de Roberto Salinas Fortes relatado em seu livro *Retrato Calado*.

Cito então ao sonho de primo Levi:

Estou comendo com a família, ou com os amigos, ou no trabalho ou em uma campina verde; em um ambiente aprazível e relaxante, alijado aparentemente da tensão e da dor; contudo sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que se aproxima? Sobre mim. E, de fato, à medida em que se desenvolve o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, cada vez de forma diferente, tudo se derruba e se desfaz ao meu redor: o cenário, as paredes, as pessoas e a angústia se faz mais intensa e mais precisa. Tudo se tornou um caos. Estou só no centro de um nada cinza e turvo? E de repente sei o que isso significa e sei também o que tenho sabido sempre: estou de novo no lager e nada era verdade fora dele. [...] Agora este sonho interno, o sonho de paz acabou e no sonho exterior, que segue seu curso gélido, ouço ressoar uma voz bem conhecida: uma só palavra, não imperiosa, mas bem breve e surda. É a ordem do amanhecer em Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida e esperada: levantar-se, “wstawac” (Levi, 1997, p. 359).

E o sonho de Salinas Fortes:

Na noite passada, sonho de prisão. Outra vez. Venho voltando para casa quando de repente me vejo cercado por pequena multidão. É como se fosse um cortejo. Por entre as pessoas aqui. Por entre as pessoas, aqui e ali, alguns flics fardados de azul-marinho. Outros sem farda, mas tá na cara que são da polícia, essa gente é igual no mundo inteiro. De repente tudo vira comédia pastelão, as pessoas se empurram, se atropelam, atiram-se indefinidos objetos uns sobre os outros, enquanto a turbamulta vai evoluindo imperceptível e carnavalescamente em direção ao Palais de Justice. Na entrada, uma espécie de barreira. E logo a atmosfera muda bruscamente: a brincadeira generalizada dá lugar à carranca dos tiras. Documentos pedem eles. Documentos, documentos! Levo as mãos aos bolsos e descubro, com um frio na espinha, que não

carrego nenhum documento. Documento, exige o tira. Não tenho aqui, mas moro bem pertinho, posso ir buscar, não tem problema não. Nada feito, evidentemente e, mais uma vez, me vejo detido. A cena se transforma. Cercado pelos tiras, eis-me dentro do Palais de Justice, submetido a intenso interrogatório. No começo tudo vai bem, os caras são parisiensemente polidos e tudo parece não passar de averiguação rotineira sem maiores consequências. De súbito tudo muda. Chega um novo policial com misteriosos papéis na mão e diz para os outros que o meu caso é mais grave do que parecia. Imediatamente, policiais com cara de torturadores fazem um círculo em torno de mim. Ficam na expectativa, enquanto os outros no fundo da cena deliberam. As suspeitas giram em torno de um crime misterioso, do qual eu seria cúmplice. Os tiras se divertem, anedotas, escárnio, zmbaria alternam-se com ameaças. É evidente que os torturadores só esperam uma palavrinha para se atirarem sobre mim (1988, p. 102-103).

A abrupta transformação que ocorre em ambos os sonhos impõe o término catastrófico, o retorno ao lugar imperioso onde o psiquismo foi detido e devastado. O fracasso da elaboração onírica em sustentar e forjar uma experiência que não pode ter duração maior do que a do tempo do traumático se revela no instante em que tudo se transforma, retroage e se fixa no trauma. Tempo escuro, tempo largo, sem bordas: tempo da eternidade. Em ambas as narrativas é o tempo que se esvai engolido por um vórtice que a arrasta a duração infinita e eterna dos campos de concentração e dos porões da ditadura. O traumático impõe seu limite, colapsando o devir e suas formas prosaicas (futuro, projetos, expectativas e anseios).

Mas há também o duplo sentido, a dupla intenção, o duplo. No conjunto da narrativa do sonho a força oculta do traumático era, ao final, o que parecia sustentar o estado enganoso de placidez e calma. A angústia sutil de Primo Levi e a presença dos policiais em meio ao cortejo no sonho de Salinas, anunciam o que está prestes a se impor desde a experiência traumática, retida em sua perpetuidade duradoura e sempiterna. Virá de lá o terrível. Sua força

subverte a temporalidade da organização consciente e impõe um passado perpétuo, que não passa. Esse passado que foi, precisamente, destruído como experiência e se perpetuou como intensidade, impondo-se sobre o devir relegando-o à repetição sufocada e prevista do horror.

O documento esquecido por Salinas, pedaço de papel perdido, inútil, pretexto para a violência e para o terror, revela a desimportância radical do que havia de coincidência entre o reconhecimento institucional e identitário. Sem coincidência e sujeito é flagrado como elemento indocumentado e, doravante, exposto à violência sem limites, sem paradeiro.

O fantasma da identidade é destruído e se evidencia a fragilidade da história pessoal que acusa e persegue, ao invés de inscrever o discurso e a ação no campo das experiências compartilháveis, nas quais se amparam as identidades instáveis envoltas na duração que o narcisismo lhes confere.

“Estou só no centro de um nada cinza e turvo”, diz Primo Levi. O narcisismo como centro do nada, vazio dos investimentos que o ligam às pulsões de vida. Desligado e endereçado ao seu próprio aniquilamento. O eu diante da imposição e do impasse em testemunhar e de desejar sua própria eliminação.

“Não tenho aqui, mas moro bem pertinho, posso ir buscar”. A lonjura dos porões e dos campos que contaminam e destroem a experiência de vizinhança, familiaridade e confiança no mundo, como já disse Jean Améry (1995). A demolição dos lugares e as rupturas e descontinuidades no tempo impossibilitam radicalmente a crença numa história própria conjugada a um devir plausível.

O esforço da elaboração onírica condensa e dá a ver o trabalho extremo e fracassado do sonho que, pusilânime e longe do conflito, lança sobre o traumático simulacros de experiências agradáveis (a campina verde, um passeio em Paris) logo destroçadas pela emergência do traumático que fazem o prazer dissolver-se na intensidade que o submete. O próprio sonho, então, permanece sob suspeita, como subterfúgio impossível àquele que viveu o horror e não pode mais descansar em sua luta perpétua, e mil vezes fracassada, para evitar que ele se repita.

Para tantos, que viram os olhos da Górgona, não há trabalho mais fundamental do que evitar que o horror retorne e se instale e, para eles, todo o sono e todo sonho insistem em fazer perdurar o imperativo da eterna vigília. Não dormir, não descansar e vigiar, para sempre, perturbação imposta pelos destinos do traumático que reclama para si o direito de sonhar.

Referências

- Agamben, G. *Lo que queda de Auschwitz: el archivo y el testigo*. Madrid: pre-textos, 2005.
- Améry, J. Torture. In: *Art from the ashes*. New York: Oxford University Press, 1995.
- Fedida, P. O Esquecimento do assassinato do pai na Psicanálise. In: *O sítio do Estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1996.
- Ferenczi, S. Confusão de línguas entre os adulto e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*, tradução: Álvaro Cabral, v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Ferenczi, S. Reflexões sobre o trauma. In: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*, tradução: Álvaro Cabral, v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.
- Fortes, L. R. S. *Retrato Calado*, São Paulo: Marco Zero, 1988.
- Freud, S. (1905). Tres ensayos para uma teoria sexual. In: *Obras Completas*. Tradução: José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- Freud, S. (1913). Totem y Tabu: algunas concordancias entre la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: *Obras Completas*. Tradução: José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1993, v. 13.
- Freud, S. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Obras Completas*. Tradução: José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1993, v.14.
- Freud, S. (1920). Mas allá del principio del placer. In: *Obras Completas*. Tradução: José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1993, v. 18.

Junior, O. F. *O baú do guerrilheiro: memórias da luta armada no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Levi, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Pellegrino, H. A tortura política. In: *A burrice do demônio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Scarry, E. *Body in pain: making and unmaking of the world*. New York: Oxford University Press, 1985.

Tavares, F. *Memórias do esquecimento: os segredos dos porões da ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Viñar, M. & Viñar, M. *Fracturas de memória: crônicas para una memoria por vir*. Montevideo, Uruguay: TEditiones Trilce, 1993.